

ANGLO-AMERICANOS EM JOÃO PESSOA: PERCEPÇÕES SOBRE LÍNGUA E CULTURA

Jamylle Rebouças Ouverney-King (IFPB)

jamylle@ifpb.edu.br

A ideia desta reflexão acadêmica é fruto da pesquisa de doutoramento, na qual analisei as trajetórias de sujeitos anglo-americanos, casados com mulheres brasileiras e habitantes da cidade de João Pessoa, litoral da Paraíba. Ao entrevistá-los, utilizando a metodologia da História Oral (ALBERTI, 2010, 2012), percebi que havia uma mescla de línguas em suas narrativas, isto é, ao optar pela língua inglesa no ambiente comunicativo da entrevista, cinco dos seis entrevistados lançaram mão de vocábulos e expressões em língua portuguesa para comunicar suas impressões. De forma semelhante, o único entrevistado – Steve –, que optou pela língua portuguesa como veículo comunicativo, fez uso de termos anglo-saxões ao narrar suas experiências. Já, naquele momento, percebi que o elo entre identidade e linguagem demonstrava sujeitos de atitudes comunicativas híbridas. Ao perceber esse hibridismo discursivo, julguei pertinente um estudo, posterior ao doutoramento, no qual analiso crítico-discursivamente a relação entre a aplicação de termos exteriores à língua, em que o diálogo está sendo construído, e a relação entre a (re)construção de identidades culturais de sujeitos migrantes em território brasileiro. Utilizo da linha teórica contida na Linguística Aplicada, muito embora não seja pontualmente, mas em consonância com uma abordagem interdisciplinar entrecruzando estudos sobre identidades culturais (HALL, 2000) e suas relações entre cultura e língua materna, inserindo ainda o viés da literatura sobre migração, fundamental para a compreensão dos deslocamentos humanos no globo. A análise crítico-discursiva (FAIRCLOUGH, 2010a, 2010b) serve ao propósito de investigar a fala em relação à transformação social pessoal.

Entrevistei seis sujeitos anglo-americanos durante o período de Maio de 2012 a Outubro de 2013. Intercalo os apontamentos teóricos aos excertos, o que possibilita visualizar a (re)construção de identidades culturais em meio à mescla linguística no cenário da adaptação do imigrante.

Dividi a discussão em quatro partes: inicialmente, exponho brevemente o cenário investigativo; a seguir discuto as questões ligadas às subjetividades e às identidades culturais e como estas são (re)construídas no decurso do contato com o outro brasileiro; posteriormente examino as percepções e representações sobre a sociedade de origem e a sociedade-lar; e, por fim, apresento conclusões sobre as análises. Optei por apresentar os excertos originais¹ no corpo do texto tendo em vista o limite de páginas para a publicação. A pedido de um dos entrevistados e buscando trazer uniformidade à pesquisa, seus nomes, de familiares e amigos, caso tenham surgido durante a entrevista, foram alterados para que fossem mantidas as identidades em sigilo.

¹ Procurei, durante a transferência do material do meio auditivo para o escrito, incorporar os elementos paralinguísticos de acordo com os códigos, a saber: pausa []; pausa longa [pl]; risos [r]; quando há uma hesitação [h]; quando há uma mudança de tópico [mt]; interrupção [/]; [palavra(s)] quando o entrevistado utiliza um termo ou expressão diferente da língua enunciada, neologismo ou tradução aproximada, nesse caso estarei utilizando os [] para colocar o termo ou expressão equivalente; entonação mais forte através do recurso **negrito**, tanto para uma palavra quanto para uma expressão ou frase; *italico* para expressões que não pertencem à língua em que a entrevista está sendo realizada.

Introdução

A relação entre identidades culturais, língua e migração é frequentemente expressa através de categorias que giram em torno da diferença e da semelhança observadas nas falas de indivíduos com sotaques e expressões estrangeiras – e até mesmo as regionais dentro de um mesmo país – se encontram na presença de uma cultura outra que não a sua de origem, seja em situação de férias ou de deslocamento – temporário ou permanente. Ao ponderar sobre os imigrantes permanentes, observo que a língua materna e a língua da cultura em que eles se inserem são veículos úteis ao estabelecimento de redes, pessoais ou profissionais, não necessariamente nesta ordem, e o sucesso de suas permanências.

Não oblitro o fato de que a língua pode ser um obstáculo, muito provavelmente em decorrência da fonética, da gramática e até mesmo de dificuldades pessoais, e levar o imigrante ao que eu opto por chamar de ‘vida na bolha do meu país’, o que poderia ser compreendido como a vida em comunidades étnicas, nas quais a comunicação é realizada através da língua materna dos imigrantes que tendem a ignorar a língua do país onde se encontram². Em um cenário alternativo – e talvez mais globalizado – vislumbro a possibilidade de uma situação linguística híbrida na quais ambas as línguas – a do imigrante e a do país onde se encontra – são, efetivamente, utilizadas na comunicação, que é feita com sucesso e sem grandes mal entendidos.

Para ser honesta, isso não é nenhuma novidade e já ocorre há séculos. Com a primeira onda da globalização (SCHILLER E WIMMER, 2002), os navios circulavam de um ponto a outro transportando pessoas, ideias e alimentos. Um exemplo simples de hibridismo linguístico, neste cenário, seria a não tradução de termos alimentícios que, uma vez levados e apreciados, seriam consumidos pela população europeia (a exemplo da palavra anglo-saxônica *tea*, de origem chinesa *te*, relacionada ao termo em Mandarim *chá*, usado em português). Gustavo Lins Ribeiro (1998, 2005) observa que esse movimento interacional é natural, ao observar a integração mundial. Nestor Canclini (2006) acrescenta que a expansão urbana – e mundial, através dos movimentos migratórios, eu acrescento – é um dispositivo facilitador das várias manifestações de hibridismo. Para Rosi Braidotti (LAFOUNTAIN, 2008), a diversidade cultural está diretamente ligada a um hibridismo multicultural, característico da contemporaneidade.

Com o passar do tempo, as línguas tem se tornado, de um modo geral, plásticas, quase levadas a um processo osmótico absorvendo termos que são diariamente colocados em prática pelos usuários de diversas nações em variados ambientes – reais e virtuais. Os imigrantes, em processo de adaptação e também os já adaptados, são, simultaneamente, os veículos desse dispositivo de plasticidade e usuários dele, ora por uma questão de necessidade – já que desconhecem o termo apropriado –, ora por uma escolha lexical mais confortável – já que eles conhecem o termo ou expressão, mas acreditam que expressá-lo na língua de origem captaria um valor semântico de maior dimensão. Em ambos os casos, tal escolha possibilita ao ouvinte a observação de como as subjetividades e identidades culturais são (re)construídas através de percepções e representações sobre a sociedade de origem e a sociedade-lar³.

² Eunice Nodari (2009) aborda questão semelhante ao discorrer sobre as comunidades de imigrantes no sul do Brasil.

³ Entendo que a sociedade-lar representa o local onde o sujeito se estabelece, cria vínculos e núcleo familiar, nesse caso, representada pelo Brasil (OUVERNEY-KING, 2014).

- **Escolhas linguísticas: estratégias e vantagens em discursos híbridos**

Stuart Hall (1997) asseve que a formação das subjetividades está apoiada na relação intrínseca com o outro através do diálogo e da troca de conteúdos que completam os sujeitos participantes. Kathryn Woodward (2000), ao estudar discursos de imigrantes por meio da História Oral, aponta que os termos subjetividade e identidade são, por vezes, permutados e sobrepostos. De fato, na vasta teia da existência do sujeito, as subjetividades estão entrelaçadas às identidades culturais. Para Woodward (2000), subjetividades estão ligadas ao *self*, aos pensamentos, às emoções, ao ‘quem sou’ e ao ‘como sou’, reveladas discursivamente e posicionando o sujeito quanto à escolha política, à posição financeira, à formação moral e educacional e, às motivações migracionais para o Brasil.

Ao relatar suas primeiras viagens pela América do Sul, Steve sente necessidade de interromper sua narrativa para contar um fato diferente: “então um *tangent*, no meu, uma experiência que eu tive, eu não estou exagerando o que vou contar. Meu Mestrado, [foi] na universidade de Redding, na Inglaterra” (STEVE, 2012). Steve, enquanto ator social e produtor de significados em conjunto com o contexto situacional em que se encontra, atribui significados representativos para o termo *tangent* utilizado em meio à língua portuguesa. O uso de *tangent* sinaliza que a história a ser contada não está totalmente dispersa do primeiro conteúdo e, em algum momento, os dois conteúdos irão se encontrar. O uso de termos em outra língua constitui uma ocorrência muito comum em contextos híbridos de conversação, i.e., com aprendizes ou falantes de língua estrangeira que se valem de estratégias linguísticas particulares com para se comunicarem. A transferência linguística⁴ utilizada por ele tem a função de marcador e imprime ao discurso dele sua subjetividade através da inserção de sentidos específicos e que, para ele, somente são possíveis naquela língua.

Michaela Benson e Karen O’Reilly (2009) advogam em prol de uma migração por estilo de vida que, para as autoras, estaria relacionada à qualidade de vida. Acrescento que estilo de vida, do mesmo modo, permite inserir escolhas pessoais como a união entre cidadãos de nações diferentes e a busca de um local que associe trabalho e lazer de forma prazerosa. De um modo geral, os relatos sobre as motivações e primeiras viagens ao Brasil são permeados por termos ou expressões em português, porém é o do Peter que me chamou atenção:

[...] at the end of that year, met my, my future wife, and fell in **love** and so when I returned to England, that, in the summer of 2000 I-- [quick break to close the windows due to upcoming rain], so in June, in 2000, I went back to England, I was completely *apaixonado*, completely **heartbroken**, and so **I worked again**, came back to Brazil **again** for a period of time straight way that summer, then I had to finish my degree at university, finished my degree, my wife came to visit me in Leeds

⁴ A transferência linguística, no sentido aqui abordado, não se aplica aos termos utilizados em língua estrangeira em materiais acadêmicos ou de leitura em geral – jornais, revistas. Nesses casos, o uso dos termos estrangeiros ocorre, normalmente, ou pela ausência de termo equivalente na língua de redação, ou por se tratar de termo técnico referente ao assunto abordado. Muitas vezes, a transferência linguística não prejudica a comunicabilidade ou a inteligibilidade do ato comunicativo, pois pressupõe que, dentre os interlocutores, aquele que enuncia tem o conhecimento de que o ouvinte detém a mínima, se não total, percepção do significado empregado.

June that year, as well, and as soon as I graduate I came to Brazil and so that's kind of why, **for love**, I suppose. (PETER, 2012)

Ele arrola os sentimentos como centrais para a mobilidade. Materializar o amor romântico no discurso, como incentivo, evidencia novas formas de masculinidades que se distinguem dos atributos tradicionais e presentes no imaginário popular, de que os homens não compartilham, ou não manifestam, publicamente, seus sentimentos. Ainda que tenha havido idas e vindas entre as duas sociedades, é a figura feminina que traz Peter em definitivo a João Pessoa. É interessante observar que, em meio ao discurso ministrado em inglês, a ocorrência da palavra 'apaixonado' é de essencial importância, já que evidencia, na língua da sociedade-lar, como ele sentia-se à época em que conheceu a esposa. Na qualidade de cidadão inglês, ele poderia ter usado qualquer outra expressão em sua língua mãe tão representativa quanto 'apaixonar-se', como *fall in love* ou *to become spellbound*, para citar algumas. Contudo, tal opção possa exprimir mais 'nacionalmente' seu sentimento em relação à esposa, uma cidadã brasileira.

Nesse sentido, observo que a utilização transferencial de termos em português durante a enunciação discursiva não é acidental, mas intencional. Os códigos linguísticos e as convenções culturais são interpretados e enunciados à luz da cultura em que os sujeitos estão inseridos. Tal inserção torna manifesta a relação entre o sujeito e a cultura da sociedade onde este se encontra e, ao verbalizá-la, Peter faz sobressair que, somente através daquele termo ele é capaz de expressar seu sentimento como o percebe. Os termos em português brasileiro materializam um sentimento de pertencimento com o *ethos* linguístico brasileiro. Assim, expressar em inglês essa palavra talvez não obtivesse a mesma articulação de valores e crenças que o termo possui e estabelece em português, além do fato, é claro, de Peter marcá-la de modo reforçado com forte entonação.

Quando questiono meus entrevistados se fazem parte, ou desejam fazer parte, de grupos da mesma nacionalidade, ou grupos mistos de estrangeiros, obtenho respostas negativas, sinalizando que, no cenário da adaptação, é importante estar inserido na sociedade-lar e, talvez, a fraternização com sujeitos em situações semelhantes é vista como sinal de dificuldade para a adaptação à *Terra Brasilis*. Um exemplo é o caso de Kevin, que associa o termo estrangeiro ao já conhecido substantivo 'gringo':

no. I don't, there was a, actually one of the teacher's here, John, he was working with a group of *gringos*, that's the word people say here, I was two times invited to go but I went for sure, once or twice, but I never was part of the group [...], I integrated a lot with the people here in João Pessoa. (KEVIN, 2012)

A partir daí, observo forças de repulsão no que concerne o contato com cidadãos de origens semelhantes as suas, ou de outros países que não o Brasil. O uso lexical de 'gringo' denota, através da explicação dada por Kevin, uma alusão pouco positiva em relação àquele que vem de fora do país. Noto que não há uma diferenciação quanto à nacionalidade, mas sim uma aglomeração em um grupo identificado pela nomenclatura de 'gringos', como uma forma de 'eticizar' esses sujeitos, que se assemelham por não terem nascido no Brasil. As descrições sobre o outro estrangeiro servem para mostrar as percepções de alteridade e mostrar, igualmente, percepções sobre o próprio sujeito. No caso dele, estar totalmente imerso na cultura brasileira é o que, de fato, importa.

Aliás, adaptação é uma palavra-chave na esteira dos deslocamentos e pode ser desdobrada pelo intermédio de dispositivos como língua, cultura, mercado de trabalho e, no caso de Steve, casamento. Ao relatar a relação profissional com seu empregador em

São Paulo, ele informa que o mesmo havia custeado sua cerimônia de casamento, mas que, contudo, revelou um comentário que o levou a reflexão:

ahm, mas, e que foi muito generoso, mas ele [o empregador] disse pra mim, isso é difícil traduzir, você vai entender “*Steve, you’ve gone native*”, entendeu? [...] você renunciou a sua identidade cultural britânica. Era uma crítica. *You’ve gone native* era uma crítica, virou nativo. Claro que [é] uma atitude de uma geração que, graças a Deus, não existe mais. *You’ve gone native*. (STEVE, 2012)

O casamento é diretamente associado ao período que denomino de adaptação-imersão, uma vez que o sujeito mergulha em um mundo que, até aquele momento, conhecia apenas de forma limitada. Após o casamento, Steve vislumbra um universo inteiramente novo de relações e sensações em meio a sua família ampliada. O matrimônio corresponde analogicamente à categoria ‘nativo’, em referência ao brasileiro, como se permitisse ao estrangeiro adquirir um *status* de pertencimento. Ele deixa de ser somente aquele que observa, o *outsider*, para lançar um olhar de dentro para fora, o *insider*, muito embora ele não se permita inserir totalmente na figura de um nativo, pois, em suas próprias palavras, ele não nasceu naquela cultura, logo, não poderia ser considerado como pertencente a ela. O casamento poderia ser um sinal de fusão de identidades culturais ou de uma agregação de posicionamentos, para Steve é uma situação híbrida.

Na visão do chefe de Steve, contudo, é visto como algo negativo. Ser nativo poderia fazer com que Steve perdesse o seu *status* de inglês, a sua ‘inglêsidade’. O sentimento de pertencimento se torna um fator preponderante na demarcação dos territórios, sejam estes físicos, geográficos, sociais ou de identificação cultural. O desvio do padrão, neste caso o casamento com a cidadã de outra cultura, é criticado por aqueles que escolheram se fixar na pertença cultural com a sociedade de origem, no caso do chefe de Steve. Steve critica a atitude do chefe que o acusa de ‘renunciar’ a identidade cultural britânica e conclui sinalizando que tal atitude seria parte de uma geração que, potencialmente, não mais performatiza tal concepção.

Anteriormente citei a sensibilidade de Peter ao descrever seus estímulos para a migração e, na esteira do que move o sujeito abstratamente, destaco a relação entre a herança familiar e os sentimentos enquanto elementos que possibilitam a associação do sujeito migrante com a nova sociedade-lar. Steve faz sobressair a sua semelhança com a mãe no que tange a forma de lidar com os sentimentos e, por conseguinte, estabelece nessa relação à ponte que o traz para o Brasil. Woodward (2000) esclarece que, em meio ao deslocamento entre passado e presente – e eu acrescento o futuro –, as relações identitárias são buscadas, muitas vezes, no passado, tanto em situações de contestação quanto em situações de reafirmação. A base familiar parece ser um recurso de tais (re)posicionamentos. Steve destaca a diferença na relação paternal e fraternal promovendo ênfase ao usar uma expressão em inglês:

eu acho que, em grande parte [o desejo de voltar para a América do Sul], minha mãe era galesa, do país de Gales, aliás ela aprendeu Inglês como segunda língua. E ela, e os galeses, talvez você não saiba, são os latinos. São poetas, cantam, recitam, choram. Meu irmão, somos dois, eu e meu irmão, meu irmão seguiu meu pai, um tipo muito *stiff upper lip*, em inglês. Ele não chora em público, ele não demonstra emoção, é muito mais interior. Eu gosto de exterior, então eu me sinto muito melhor nos países latinos por motivos que só um psicólogo possa desvendar. Minha mãe. (STEVE, 2012)

Sua percepção de *self* no mundo de hoje advém das representações de membros da família. O diálogo entre passado e presente revela a forte influência materna, muito provavelmente, na força que o atraiu, inicialmente, para a Colômbia e, posteriormente, para o Brasil, em decorrência da proximidade de atitudes entre os galeses e os latinos. Demonstrar as emoções aproxima-o das identidades culturais latino-americanas estabelecendo uma conexão afetiva ao passo que o afasta do pai e do irmão. O uso da expressão idiomática *stiff upper lip* – compreendido nesse contexto como uma pessoa forte, normalmente associado com descrições sobre bretões que se mostram sem emoções ou que não deixam transparecer suas fraquezas – revela as diferenças entre Steve e seu irmão. Ao final do excerto, o uso de ‘minha mãe’, embora pareça descontextualizado, serve para consolidar e validar seus sentimentos e ações como em um momento de reflexão verbalizado.

E, se o sentimento de pertencimento vem aliado a conexões pré-estabelecidas no seio familiar, ele pode ser consolidado, ou não, através da habilidade de expressão na língua da sociedade-lar. Hall (1989, p. 18-19) destaca que “[...] o passado não é apenas uma posição de onde se fala, mas é também um recurso absolutamente necessário no que o indivíduo tem a dizer”. Falar português brasileiro parece vir atrelado a características somente possíveis àqueles que são nativos do país, i.e., que nele nascem: “é outra realidade, são raízes culturais que você absorve, você adquire quando é jovem e isso é um *given*, é uma coisa automática entre brasileiros quando estão conversando” (STEVE, 2013). Sentir-se externo à cultura e sem laços que o associem a ela, não significa dizer que o sujeito não possa fazer parte dela de outros modos. Seguindo o mote de Hall (1989) e ampliando a reflexão, acredito que o passado também permite ao sujeito ponderar sobre o presente e ações futuras. Para se posicionar hoje, o sujeito necessita do seu passado, uma construção espacial e social que depende do tempo.

A noção de absorção cultural inerente ao sujeito vem reforçada pelo uso do verbo *to give*, quando ele diz que é ‘um *given*’. Original do verbo ‘dar’ e aqui utilizado enquanto substantivo, enquanto algo já estabelecido, a expressão está diretamente relacionada ao fato de o indivíduo desenvolver-se na cultura a partir do momento em que nela nasce. Ante essa visão, o passado é o dispositivo que contribui para a constituição das identidades culturais e é reivindicado como tal pelos sujeitos, além de perpassar a produção das visões sobre as origens.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) assere que identidades e representações andam, muitas vezes, de mãos dadas. John aponta que seu percurso de aprendizagem da língua portuguesa não foi fácil, destacando que os brasileiros, quando o conhecem, optam por utilizar a língua inglesa no ato comunicativo, o que, potencialmente, dificultaria a prática. No relato, noto ressentimento como se já tivesse sido acusado de não aprender a língua por ser preguiçoso e, para comprovar que detém o conhecimento linguístico, ele expressa: “*algumas vezes eu gosto de fala[r] português com as pessoas só para demonstrar para meus alunos, [que] é possível, estou tentando*” (JOHN, 2012). Nesse sentido, entendo que muito do que o sujeito expressa discursivamente estaria relacionado com a forma como deseja ser representado visual e verbalmente. No caso de John, mostrar para a sociedade que ele sabe, e pode, se expressar em português funciona como um dispositivo de afirmação e pertencimento com o local que escolheu para morar.

Não falar a língua, ou ser visivelmente um *outsider* pelas marcas visuais que seu corpo expõe, poderiam ser consideradas desvantagens para esses homens que vem para o

Brasil em busca de mudança, mas o fato é que eles desenvolvem estratégias na busca de vantagens. O termo ‘gringo’, já articulado por Kevin de forma negativa, na voz de Peter absorve proporções vantajosas: “when I was a student, sometimes, because I was a *gringo*, I think I had a good time, sometimes with females” (PETER, 2013). São vantagens étnicas proporcionadas pelo grupo ao qual o estrangeiro faz parte e que lhe confere, a depender da origem, certo prestígio em relações interpessoais com as mulheres. A produção discursiva sobre os homens locais – nesse caso, os homens do nordeste – é posta em cheque, já que estes seriam considerados homens violentos, que se destacam pela ‘valentia’ excessiva, crueldade – contra homens e mulheres –, são os ditos “cabras machos”, e que, nos estudos de Durval Muniz de Albuquerque Junior (1999) sobre literatura de cordel, aproximam masculinidade e virilidade. Aqui, a tênue linha entre língua, discurso e prática social é manifestada através do uso da transferência linguística e da performatização semântica de masculinidades estrangeiras (BLANCHETTE, 2011), através das quais os homens de origem diferente da local seriam mais educados, mais atenciosos e, por que não, mais apaixonados, a ponto de comunicar seus sentimentos abertamente e com maior intensidade. No panorama urbano da cidade de João Pessoa, os entrevistados são reconhecidos pelo outro e se reconhecem como gringos, ora por um viés depreciativo, ora supervalorizado e utilizado como estratégia.

A relação com o nativo brasileiro, igualmente, é permeada pelo desenvolvimento de dispositivos linguísticos estratégicos que auxiliam a obtenção de objetivos. Eduardo Viveiros de Castro (2002) assere que o nativo é um sujeito que expressa um mundo diferente daquele mundo de quem o observa. Assim, infiro que o nativo é visto como exótico para aquele que o vê, no caso o estrangeiro, a exemplo do chefe de Steve. Contudo, em algumas situações, o estrangeiro necessita estabelecer relações com o nativo e, ao fazê-lo, percebe a instituição de relações assimétricas de poder.

A conexão entre o estrangeiro e o nativo dispõe de ocasiões em que pode ser hierárquica, onde o segundo é colocado acima do primeiro. Configura-se uma nova imagem em que o estrangeiro seria o sujeito subalterno, quase como um devedor, ao nativo. Para ilustrar essa proposição, destaco o relato de Robert que, aparentemente, parece reforçar essa situação, mas que, na verdade, traduz uma estratégica utilização linguística e cultural em meio às negociações burocráticas:

if I think it is going to be a long process [I say] ‘You have to have a lot of patience with me’. *Tem que ter muita paciência comigo, né. [] Eu sou Inglês. Tem que fala, tem que fala comigo de um jeito bem balanceado, assim, [] tem que me entender, heim?* And then it starts and then I can have a conversation. And that tends to, I think that has a tendency to give the person I’m speaking to a chance to get to know me, where I’m coming from, and what problems I might have. And subsequently become very helpful. [...] But I’d always apologize for being British [r] at the beginning. (ROBERT, 2013)

Robert vale-se da sua ‘inglêsidade’ e a utiliza como um potencial ‘ponto fraco’ nas relações funcionais que precisa desempenhar. Munido de um conhecimento ‘mínimo’ frasal ele aplica as sentenças em português como um estratagema para se fazer entender e alcançar seus objetivos. Por razões ilustradas no discurso, observo que o artifício foi desenvolvido a partir de experiências e da necessidade de estar bem informado. Robert parece, pois, inferiorizar-se ao se desculpar por sua condição de estrangeiro, o que, na verdade, torna a ação uma vantagem em situações interativas, como as de um banco.

Aqui, ele posiciona sua origem – ‘o ser inglês’ – estrategicamente, estabelecendo ele mesmo uma dupla relação de poder – do/a interlocutor/a para com ele – e de controle – dele para com a situação. Se, ao mesmo tempo, sinaliza para seu/a interlocutor/a que este/a detém o poder da informação que ele deseja, Robert também pode agir no controle de dispositivos como velocidade, volume da voz e determinados termos que facilitem sua compreensão ao deixar claro que não domina a língua. Acredito ser justo dizer que, ao lançar mão de tal estratégia ele modela, em certa medida, o discurso do interlocutor. As escolhas linguísticas permitem aos sujeitos manifestarem suas subjetividades em meio a um contexto híbrido através do que percebem e do que deixam transparecer.

- **Percepções e Representações sobre sociedade de origem e sociedade-lar**

A identificação de diferenças, críticas ou exaltações, é elemento que conecta o sujeito à localidade. Em meio à descrição da sociedade de origem, revelações sobre o comportamento cultural surgem na fala de Robert:

we're an **island** race! That's what we say. Island race! *Imagina!* [r] We are not even part of Europe. We like to think we are not even a part of Europe, but we are, politically. But we bring this baggage with us historically. (ROBERT, 2013)

No campo textual, esse excerto de Robert é fortemente marcado pelo uso do pronome ‘nós’, enfatizando o que Fairclough (1989) alude ao “nós inclusivo”, já mencionado, mas aqui ele reflete outro tipo de inclusão. Quando ele usa ‘nós’ associa-se ideológica, política e burocraticamente à Inglaterra e desenha a imagem de uma Inglaterra enquanto um bloco uníssono e que, potencialmente, não teria pessoas com opiniões diferentes no tocante à questão insular. A indignação na fala dele sobre o modo de agir em relação ao posicionamento político ante a Europa e a produção de identidades culturais baseadas no agrupamento insular, muito embora, esteja ele inserido no discurso, é justificada pela base histórica que a nação carrega e expressa no uso da interjeição ‘imagina!’, possibilitando a compreensão de que há uma opinião equivocada, ou sem fundamento, por parte dos conterrâneos. A noção de passado e antecedentes históricos é atrelada à construção de comunidades imaginadas no exterior e de identidades culturais, enfocando o passado como dispositivo relevante na constituição destes.

A primeira vinda para o Brasil, por outro lado, promove momentos de reflexão sobre vários aspectos. Elementos linguísticos enunciados, e recuperados pela memória, desenham as motivações para a viagem: “I first came to Brazil in 1993 and it was in June, and it was part of a church project to build a *creche* for street children in a *favela* called Xavantes in Belford Roxo, in Baixada Fluminense, Rio de Janeiro” (JOHN, 2012). A vontade, individual, de ajudar aliada tanto à formação profissional quanto à necessidade coletiva de serviços sociais básicos que a localidade, a favela de Xavantes, em Belford Roxo, apresentava, une cidadãos de diferentes países. O uso do substantivo ‘creche’ em português permite visualizar para além da instituição e mostra o elo entre ele e o Brasil na figura da igreja, que de forma transnacional estabelece relações sociais, assistenciais e estruturais, aqui refletidas na construção de uma instituição que acolhe, cuida e socializa crianças moradoras da favela.

‘Favela’ destaca o espaço urbano e sua especificidade social onde o primeiro contato de John com o Brasil foi realizado. A utilização do termo, em oposição a outras formas vocabulares em sua língua materna, a exemplo de *shanty town*, *jerry-built shack*

ou *shum*, configura um marcador vocabular que tem motivação social (FAIRCLOUGH, 2010a) e cultural, pois está diretamente relacionado às culturas brasileiras. Nesse sentido, a aplicação de termos em português faz da língua um dispositivo de inclusão e hibridização. Nas palavras de Sérgio Rouanet (2009), seria uma característica cultural brasileira ao promover a “interpenetração”, neste caso, a miscigenação linguística. Ressalto o fato de que, ainda que o termo ‘favela’ não faça parte da etimologia das palavras anglo-saxônicas de forma original, hoje já é internacionalizado pela mídia, tornando-se um indicador do vínculo do sujeito com a língua e, portanto, com aquela cultura, fazendo marcar no seu discurso que somente aquela palavra pode, de fato, expressar e dar sentido ao que ele deseja enunciar, atribuindo uma força significativa ainda maior ao contexto em que prestou assistência. Desse modo, a favela de Xavantes, em Belford Roxo, estado do Rio de Janeiro, mais do que figurar o espaço em que John esteve, indica um lugar que passou a fazer parte da memória dele.

As pessoas, do mesmo modo, ocupam lugares de memória (LE GOFF, 1990) nas narrativas dos entrevistados, ora lembranças positivas, ora negativas, constituindo o que Maria Casado-Diaz (2009) chama de capital social, i.e., o acúmulo de relações pessoais entre os indivíduos. Gary demonstra como isso foi importante para a sua permanência:

but from the very beginning something that impressed me very favorably was that the people, almost everybody that I met was *maravilhosamente acolhedor, acolhedora*. [...] My only opinion is that the Brazilians that I live and work with are, I use the expression *maravilhosamente acolhedores*. And that’s a point I would want to emphasize. (GARY, 2012)

Cada vez mais a noção de ser abraçado pelo contato com outro nativo é reforçada nos discursos. Percebo, pois, uma conexão entre a experiência e a língua. Em seu comentário enfático acerca dos/as brasileiros/as, quando ele utiliza a expressão em português, Gary permite, intencionalmente, o destaque e aponta uma noção de identificação entre o que é enunciado e sobre quem é enunciado, materializando a sua relação de afetividade com a nação. A percepção sentimental aproxima-se fisicamente via língua. Língua, cultura e afinidade se unem neste excerto para fazer referência ao povo brasileiro e solidificarem seu desejo de manter-se em João Pessoa. Gary faz sobressair também a sua preocupação com o marcador de gênero, característica da língua portuguesa e inexistente na inglesa, ao adicionar ‘acolhedora’ ao final da sentença.

Seguindo a esteira do uso de marcadores de gênero, observo que os sujeitos também ilustram suas masculinidades. Estas, enquanto produções de gênero e relacionais, não fazem parte de um processo inerente aos sujeitos, mas de um processo de construção, como diz Raewyn Connell (1996). Sendo assim, o sujeito, ao entrar em contato com determinadas situações e instituições, pode incorporar, de imediato e por completo, atitudes que reproduzam a masculinidade dominante, por outro lado, pode entrar em conflito e até mesmo rejeitá-la. A aceitação, ou não, de um modelo de masculinidade hegemônica pode ocorrer tanto na forma coletiva em consonância com o cônjuge, como na forma de um projeto individual.

No caso de Peter, que ressalta ser um ‘dono de casa’, observo o compartilhar das tarefas domésticas como uma forma de reprodução de masculinidade não hegemônica: “yeah, I like to think that I am quite domesticated. I am a househusband. We don’t have, there is another thing, and again it’s a cultural thing, we don’t have a maid or a *secretário* []” (PETER, 2013). Ser o ‘dono da/de casa’ remete a um rompimento com as

identidades culturais locais, as quais seguiriam a tendência de afastar o homem das tarefas domésticas. E por se declarar ocupante desta tarefa, ele traça um paralelismo ao encerrar sua fala usando o termo ‘secretário’, sinalizando, talvez, que as profissões não estariam atreladas ao gênero.

As relações culturais de trabalho, igualmente, são estranhadas e destacadas no discurso:

[...]it took me a while to get used to my mother-in-law always had *empregada* and she treated them fantastically, they would [] they would live in, so they would sleep in the house, she would treat them like one of the family, you know, that’s probably a bit unfair ‘cause they did all the work, but they would eat with the family, they would never treat them badly and my wife and brothers also treat them very well very politely, you know. I’ve given private classes in places where I’ve been quite uncomfortable by how the maids have been treated, you know, they have little bells, this kind of thing, []. (PETER, 2013)

Neste excerto fica clara a intenção de Peter em destacar o termo ‘empregada’, já que ao final ele utiliza o correspondente em inglês – *maid*. Por ser, coloquialmente, um termo que já carrega traços estereotípicos, sua aplicação na narrativa auxilia a construção de um discurso marcado pela falta de adaptação dele àquela situação. A narrativa também demonstra sua insatisfação e desconforto com a situação vivida pela empregada doméstica da casa da sogra e, posteriormente, em outras situações. A fronteira cultural com o outro revela sujeitos críticos quanto as suas ‘posicionalidades’ e outros cautelosos na atribuição e uso de termos, origens e opiniões. As estruturas sociais e de trabalho expostas, servem como espelhos nos quais eles não desejam ter suas imagens refletidas. As subjetividades são representadas pelas críticas às alteridades. A alteridade figura, no sistema das representações culturais, enquanto elemento atributivo de origem desvelando sujeitos cosmopolitas, cientes de seus papéis sociais e que anseiam por mudanças.

Conclusão

Língua, cultura e identidades culturais não podem ser dissociadas e, por isso, muitas vezes, os termos são utilizados pelos sujeitos no original, já que, para eles, as traduções tornam-se impraticáveis. A língua traduz os pensamentos e os termos são levados para o discurso, materializando-os. O uso de vocábulos ou expressões em línguas estrangeiras, ou que foram internacionalizados, muitas vezes, reflete o peso semântico e cultural de tais expressões. As conexões entre sujeitos e culturas são manifestadas através da língua e expressas no discurso. Entendo isto como prática social, portanto as escolhas linguísticas são perpassadas por razões sociais de crenças e valores inerentes às subjetividades dos locutores. Nelas, os sujeitos materializam o hibridismo cultural no qual estão inseridos e expressam suas indignações, reflexões e favoritismos em relação às sociedades de origem e à sociedade-lar.

No discurso híbrido, percebo o estabelecimento de redes pessoais, profissionais e de afetividades. As relações afetivas desenvolvem efeitos diretos nos sujeitos e em outros ao redor. De amizades ao casamento, a ampliação e a fusão vocabular faz com que o sujeito reflita, discorra e se reinvente na sociedade-lar, promovendo a construção de identidades culturais híbridas. Estratégias são desenvolvidas e vantagens obtidas em meio aos discursos que cruzam culturalmente os hábitos anglo-saxões e os brasileiros.

As ‘posicionalidades’ de sujeitos com origens eurocêntricas, androcêntricas, colonialistas, imperialistas, e muitas outras categorias que aqui não convém enumerar, lhes proporcionam um olhar diferenciado sobre os outros brasileiros, com os quais eles entram em contato. Apesar de estarem inscritos geopoliticamente em suas posições de sujeito, é nesse contato que visões, impressões, sentimentos e, enfim, aptidões de perceber o mundo ao redor são transformadas e reveladas, de forma (des)construída, nas narrativas. As estratégias dialógicas e reflexivas, por eles desenvolvidas, são essenciais no decurso da adaptação, do mesmo modo, à localidade, além de servirem como reflexões sobre as sociedades de origem, a sociedade-lar e (re)construções subjetivas. A língua, enquanto dispositivo plástico e identitário, possibilita a visualização de tais (re)construções e, simultaneamente, das percepções dos sujeitos sobre cultura.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. 2a reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. 236p.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Quem é froxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 19, nov. 1999.
- BENSON, Michaela & O'REILLY, Karen (eds.) *Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences*. Aldershot: Ashgate, 2009. p. 121-135. Disponível em: <http://academia.edu/1198740/A_desire_for_difference_British_lifestyle_migration_to_southwest_France>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- BLANCHETTE, Thadeus Gregory. ‘Fariseus’ e ‘Gringos bons’: masculinidade e turismo sexual em Copacabana. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011. p. 57-102.
- CANCLINI, Néstor García. Hybrid cultures, oblique powers. In: DURHAM, Meenakshi Gigi & KELLNER, Douglas M. (eds). *Media and cultural studies: keywords*. Rev. ed. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. p. 422-444.
- CASADO-DIAZ, Maria Angeles. Social capital in the sun: bonding and bridging social capital among British retirees. In: BENSON, Michaela & O'REILLY, Karen (eds.) *Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences*. Aldershot: Ashgate, 2009. p. 87-102. Disponível em: <<http://eprints.uwe.ac.uk/12802/2/2009%20social%20capital%20CasadoDiaz.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2013.
- CONNELL, Raewyn W. Politics of changing men. In: *Australian Humanities Review*, Australia, dez. 1996. Disponível em: <<http://www.australianhumanitiesreview.org/archive/Issue-Dec-1996/connell>>. Acesso em: 30 abr. 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge, UK: Blackwell Publishing Ltda, 2010a.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis*. The Critical Study of Language. 2nd edition. Longman Applied Linguistics. London: Longman, 2010b.

HALL, Stuart. *Ethnicity: identity and difference*. *Radical America*, v. 23, n. 24, 1989. p. 09-20.

HALL, Stuart. The Spectacle of the 'Other'. In HALL, Stuart (Ed.) *Representations. Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage and The Open University, 1997.

HALL, Stuart. Who needs 'identity'? In: DU GAY, Paul; EVANS, Jessica & REDMAN, Peter (eds). *Identity: a reader*. London: Sage Publications Inc., 2000.

LAFOUNTAIN, Pascale. Deleuze, Feminism, and the New European Union: An Interview with Rosi Braidotti. *TRANSIT*, 4(1). Harvard University, 2008. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/4qf7717m>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

NODARI, Eunice Sueli. *Etnicidade renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

SCHILLER, Nina Glick & WIMMER, Andreas. Methodological nationalism and the study of migration. *European Journal of Sociology*, vol. 43, n. 2, p. 217-240, ago. 2002.

OUVERNEY-KING, Janylle Rebouças. *Escape às origens: e trajetórias de estrangeiros em João Pessoa*. Orientador, Marcos Fábio Freire Montysuma; coorientadora, Carmen Silvia de Moraes Rial. Florianópolis: UFSC, 2014.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Identidade Brasileira no Espelho Interétnico*. Essencialismos e Hibridismos em San Francisco. Departamento de Antropologia. DF: Universidade Brasília, 1998.

RIBEIRO, Gustavo Lins. What is cosmopolitanism? In: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v.2, n.1/2. January to December 2005. Brasília, ABA. Available at: <http://www.vibrant.org.br/issues/v2n1/gustavo-lins-ribeiro-what-is-cosmopolitanism/>. Visualizado em: 20 nov. 2012.

ROUANET, Sérgio Paulo. Universalismo concreto e a diversidade cultural. In: VIEIRA, Liszt (org). *Identidade e globalização*. Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009. p. 15-31.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-101.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 mai. 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.